



*Alcy Araújo*

# POEMAS DO HOMEM DO CAIS

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

324

SENADO FEDERAL



## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Nesta obra, celebramos os 100 anos do nascimento do poeta Alcy Araújo e, surpresos, observamos como atuais e necessários permanecem a sua poética, que celebra o homem, o seu destino e o eterno cais natal, onde forjou um dialeto dos sonhos e dos afetos. Esse cais poético resgata o universal guardado em cada um de nós, prenehe de saudades e de identidades perdidas na medida em que a vida nos convoca a mergulhar em novos espaços-tempos, no caminhar incessante que nos obriga a condição humana.

O cais ancora poesia e filosofia de um homem talhado para o ofício da palavra. Um poeta inquieto que dialoga com seu tempo, de onde extrai a essência – o destino amargo e triste do homem no século XX –, um tempo prolongado nos seus afazeres de guerras, ditaduras, exclusões e desigualdades.

## EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Publicada desde 2003, a série Edições do Senado Federal apresenta títulos de interesse público dos mais variados temas, tais como História, Literatura e Direito. Com mais de trezentos títulos, a série reúne autores de renome, a exemplo de Otto Maria Carpeaux, Luís Edmundo, Francisco Adolfo Varnhagen e Juscelino Kubitschek.

As obras são editadas pelo Conselho Editorial do Senado Federal (CEDIT), órgão criado pela Mesa Diretora, em 31 de janeiro de 1997, com a finalidade de formular e implementar a política editorial do Senado Federal. O Conselho Editorial recebe, para avaliação editorial e de mérito, propostas que estejam em consonância com as linhas editoriais de seu regimento interno. O autor interessado em publicar por meio do Conselho Editorial deve encaminhar seu manuscrito acompanhado da proposta de publicação para: [cedit@senado.leg.br](mailto:cedit@senado.leg.br)

Para mais informações, acesse: [senado.leg.br/conselhoeditorial.asp](http://senado.leg.br/conselhoeditorial.asp)



Poemas do  
homem do cais

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de

Miranda

Alcy Araújo

# Poemas do homem do cais

Edições do Senado Federal  
vol. 324

2ª edição

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
VOL. 324

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira

Revisão: Cristiano Ferreira, Anderson Gonçalves e Mariana Mello

Capa: Thomas Gonçalves e Rodrigo Ribeiro

Projeto gráfico: Eduardo Franco

Diagramação: Cintia Barbosa e Eduardo Franco

© Senado Federal, 2024

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

[cedit@senado.leg.br](mailto:cedit@senado.leg.br)

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

---

Araújo, Alcy, 1924-1989

Poemas do homem do cais / Alcy Araújo. — 2. ed. — Brasília : Senado Federal, 2024.

92 p. : il., gravs. — (Edições do Senado Federal ; v. 324)

ISBN: 978-65-5676-461-0

1. Poesia, Brasil. 2. Literatura, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD B869.1

---

Para meus filhos  
: encontro cósmico  
de minhas almas emigradas

e Maridalva  
: há milênios  
em minha autogeografia

Para os marinheiros  
: do meu cais natal  
bêbedos de mar

assim também

Álvaro da Cunha  
e Ivo Torres  
: meus irmãos  
de poesia judiada



## SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
O ETERNO CAIS NATAL DE ALCY	
<i>Senador Randolfe Rodrigues, presidente do Conselho Editorial do Senado Federal</i>	
PREFÁCIO	11
TIO ALCY	
<i>Ruben Bemerguy</i>	
NOTA DA 1ª EDIÇÃO (RIO DE JANEIRO, 1983)	13
POEMAS DO HOMEM DO CAIS	
Um homem	15
Saudade	18
Chorando mar	19
Recordações	20
Poema com destino à Noruega	22
Mensagem	23
O poeta adota outro cais	25
Lembrando-me	27
Ironia dos deuses	30
Poema para criar confiança	31
Noturno amargo	33
Súplica diante do mistério estelar	34
Morrendo de mar	36
Poeta vendo o rio	37
Reversando	39
Canto fim	40
Poema do homem livre	41
3º instante dentro do tédio	43
Cantiga de chamar a amada	45
Bênção	47

Fidelidade da alma inicial	50
Poema	51
Canto à forma inconclusa	53
Canto ao retorno inútil	55
Onde o meu doido?	57
Reencontro	59
Lirismo	62
Insônia	63
O pequeno jardim do poeta pobre	65
Verde pretérito	68
Natal e partida do poeta casto	69
Poema vermelhoverde	71
Anovesco	73
Chovendo na tarde	75
Canção do amor milenar	76
Chegando	78
Historinha pra você dormir	79
Ciclo	81
Legenda II ao momento que passa	82
Participação	83
POSFÁCIO	87
ALCY ARAÚJO CAVALCANTE – O POETA DO CAIS	
<i>Alcinéa Cavalcante</i>	

# PREFÁCIO

## O ETERNO CAIS NATAL DE ALCY

*Senador Randolfe Rodrigues*  
*Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal*

Nesta obra, celebramos os 100 anos do nascimento do poeta Alcy Araújo e, surpresos, observamos como atuais e necessários permanecem a sua poética, que celebra o homem, o seu destino e o eterno cais natal, onde forjou um dialeto dos sonhos e dos afetos. Esse cais poético resgata o universal guardado em cada um de nós, prenhe de saudades e de identidades perdidas na medida em que a vida nos convoca a mergulhar em novos espaços-tempos, no caminhar incessante que nos obriga a condição humana.

O cais ancora poesia e filosofia de um homem talhado para o ofício da palavra. Um poeta inquieto que dialoga com seu tempo, de onde extrai a essência – o destino amargo e triste do homem no século XX –, um tempo prolongado nos seus afazeres de guerras, ditaduras, exclusões e desigualdades.

“Historinha para você dormir” e “Participação” resumem esse mundo onde não há tempo para “um verso simples pra namorada romântica” e manifestam, no tempo poético de Alcy, sua celebração ao amor, à solidariedade e à amizade como potência revolucionária, também conquista daquele século.

O ânimo de sua luta contra as injustiças não arrefece durante a Ditadura Militar, e, para manter viva a crítica e a lealdade aos fatos, marcas do profissional de imprensa, onde militou por tantos anos, o poeta recorreu aos pseudônimos para evitar a prisão e a tortura por delitos de opinião, receios cotidianos de quem, como democrata, viveu naquele período de opressão, cassação e exclusão dos divergentes do regime autoritário.

Ao Amapá, chegado em 1953, Alcy legou incontáveis feitos, como funcionário público, contribuindo para desenvolver a imprensa do território federal e, como inspirador de uma vanguarda cultural própria do Amapá, desempenhou papel relevante para a historiografia do teatro, da música e das artes locais – iniciativa que desenvolveu com outros grandes artistas, como R. Peixe, Álvaro da Cunha e Ivo Torres. Foi ainda protagonista de muitas lutas sociais, que viriam a adquirir relevância política emergencial neste século XXI, quando antecipou a seriedade das questões ambientais, ao confrontar o modo de exploração dos recursos naturais no Amapá, onde já vislumbrava os novos cais da Amazônia carregando:

“um navio imenso fecundando as entranhas de outros navios menores na cópula pesada do minério”.

Alcy não se furtava à construção do mundo, mas seu “guindaste” era o verso comprometido com os excluídos do inominável progresso desenhado pelas elites. Ansiava pelo cais inclusivo, aberto às prostitutas, aos operários de mãos sujas, aos marinheiros, aos meninos medrosos da noite, aos anjos que sobrevoavam “o velho cais natal”.

*Macapá, 11 de março de 2024.*

# PREFÁCIO

TIO ALCY

*Ruben Bemerguy*

, antes da vírgula vem o Cais à beira do rio e, por isso, aparentamo-nos. Ele, tio. Nós, sobrinhos e sobrinhas a bem dizer: tio Alcy.

Acudindo o siso das águas em dialeto que só se sabe em par, o tio Alcy desenvolveu língua própria à boca do rio. Um dialeto de significação que só se sabe em par. Em um só par: o tio e o Cais. Sendo como é o dialeto – um só, mesmo que par – é ímpar a um só tempo, o tempo do tio e o tempo do Cais.

Sem tino, sem tento mesmo, no mais perfeito desequilíbrio, tio Alcy bateia as letras que adivinham orações. As letras, e só elas, como certificou o tio, produzem às vésperas de cada manhã e às vésperas de cada tarde. É preciso, entretanto, esvaziá-las constantemente e, em seguida, bateá-las outra vez. Só assim as letras se repetem ao pôr do sereno do dia seguinte e só assim o Cais existe.

O tio e o Cais descreiam a realidade e a remodelam sem culpa, seja de um, seja de outro. Apenas, como cabe aos marujos amotinados antes das vírgulas, desorganizam maresias para tê-las feito uma nau de tambores remando no antônimo das letras ordenadas nas anáguas das águas.

É uma vertigem pura de origem vê-los itinerar os afluentes das vozes escritas.

Depois de tudo, eles somem. Somem sempre em porções cuja ordem é definida em “ana, ana, bu, bu, quem saí és tu”.

Só não somem a poesia do tio e os cristais do Cais.

Sua bença, tio Alcy.

*Macapá, 13 de março de 2024.*

## NOTA DA 1ª EDIÇÃO (RIO DE JANEIRO, 1983)

A publicação de POEMAS DO HOMEM DO CAIS, de Alcy Araújo, vem resgatar uma dívida cultural contraída, há quase três décadas, com a literatura amazônica.

Personalidade de poliédricas qualidades intelectuais – jornalista emérito, arguto analista dos problemas socioeconômicos da sua região, competente produtor de rádio –, é, porém, na poesia que Alcy adensa e universaliza mais profundamente o seu talento.

No volume que ora apresentamos aos leitores brasileiros, foram selecionados diversos trabalhos abrangendo o espaço criativo do poeta no período compreendido entre 1950 e 1982, ensejando portanto, o desdobramento de um bem organizado painel da poesia de Alcy Araújo.

Dotado de forte e instigante sensibilidade, o poeta constrói os seus poemas – aparentemente simples, não elaborados, desprezenciosos – atingindo patamares de alto nível e comovente lirismo: *POEMA COM DESTINO À NORUEGA* (*Se eu pudesse/descansaria a cabeça dolorida/num saco/num fardo/numa caixa/despois escreveria um poema simples/e montava-o na onda/com destino à Noruega*); *SAUDADE* (*Ficará a saudade/das minhas pobres mãos sujas/que o guindaste levou rangendo/rangendo ironicamente rangendo*); *LEMBRANDO-ME* (*Identifico lágrimas diárias/na rua desprovida de mar/no cais retornando/no espelho matinal/nos corpos freglentos*); *POEMA PARA CRIAR CONFIANÇA* (*Eu tenho as mãos sortidas/de carinho/O coração úmido/de ternura/desde que Deus inventou a tua presença*); *MORRENDO DE MAR* (*Quem me dá notícia/da nitidez das horas já vividas?/Pergunto ao meu relógio/morrendo de mar*); *POEMA DO HOMEM LIVRE* (*Sou livre/inaugural/independente/uno/na estreia absoluta/de mim mesmo*).

Marinheiros, prostitutas, anjos, amadas, rosas, bêbedos e o cais, principalmente o cais, o perene cais natal, transitam pungentemente belos na bela poesia de Alcy Araújo – o demiurgo das docas de Belém do Pará, criador e criatura dos itinerários oníricos da sua fascinante e bem amada São José de Macapá.



## UM HOMEM

Sou um homem.  
Nada mais que um homem.

Mesmo que a aurora  
não tenha nascido  
mesmo que eu esteja dormindo  
mesmo colhendo lágrima  
sou um homem.  
Com destinação no mundo.

É muito triste descobrir que é assim.

Sinto fome  
desejo sexual  
esperança no amanhã.  
Sinto a dor  
vontade de chorar  
sono necessidade de carinho  
e esta solidão imensa  
no meio da multidão.

Também o amor  
e uma tristeza  
que vem com o vento do norte.

Sendo assim  
sou um homem  
Com todas as carências universais.  
Com todas as fraquezas humanas.  
Ainda as virtudes que me tornaram

bom e simples dentro do mundo.  
Nada mais.  
Não satisfaço a mim mesmo.  
Sou mais passado  
do que presente.  
Porque a infância já ficou  
muito distante  
e outros desencantos nasceram.  
Nova dor foi inaugurada.  
Talvez Deus tenha esquecido de perdoar.

Se hoje fosse dia  
de borboletas amarelas  
ou uma mulher pudesse acariciar os meus cabelos  
enxugar minha melancolia  
possivelmente eu faria poesia  
com estas mãos que Deus me deu  
para ganhar a dor de cada dia.

Acontece ser hoje  
um dia de mágoas.  
Dia em que descubro eu homem  
Específico.

Em sendo homem  
sei que a vida  
me oferecerá pouco.

Tudo tem que ser conquistado  
com suor muito suado.  
Quando o passado pesa  
e o presente pesa  
mais difícil é conquistar.  
Maior é o sacrifício  
dentro da vida.

Principalmente se o homem  
está de mãos vazias  
e os olhos míopes não enxergam  
além das lágrimas.

Mas o triste mesmo  
é descobrir ter nascido  
com destino humano.  
Ser homem e nada  
poder fazer para mudar  
essa condição.

Assim  
é melhor ficar de olhos  
bem abertos na noite.  
Chorar devagar  
e estender as mãos trêmulas  
para o amanhã.  
Encontrar uma mulher conduzindo  
de público  
a rosa vermelha  
ou a canção que fale  
do grande mar absoluto.

Outra solução imediata  
seria caminhar em direção do azul  
sem olhar para trás  
até encontrar a estrela do pastor  
onde descansar a cabeça  
e morrer de saudade.

## SAUDADE

Não será o meu grito  
o que ficará  
nem a imensa tragédia do cais  
de pés imersos  
nas águas oleosas  
sentado eternamente  
na margem da baía  
de costas pra cidade.

Não será a lembrança  
do navio petroleiro  
nem o desapontamento  
da mulher sem razão  
confundindo o estivador pai de família  
com um marinheiro gringo  
o que ficará.

Não será também  
a notícia do jornal  
que o repórter de óculos  
escreveu apressado  
e todo mundo leu.

Ficará a saudade  
das minhas pobres mãos sujas  
que o guindaste levou rangendo  
rangendo ironicamente rangendo.

## CHORANDO MAR

Estava estacionado  
na tarde sem mar.

Viste o meu silêncio  
meus olhos  
minha dor  
mas não percebeste  
que eu era marinheiro.

Não era a ti  
que eu esperava  
de relógio em público.  
Era o meu cais  
de reencontros itinerantes.

Sou feito de ondas  
de algas de salsugem  
de barcos voltando  
para a renovação de partidas.

Sou adeus.

Não percebeste  
que eu chorava mar  
na tarde despida de esperanças.

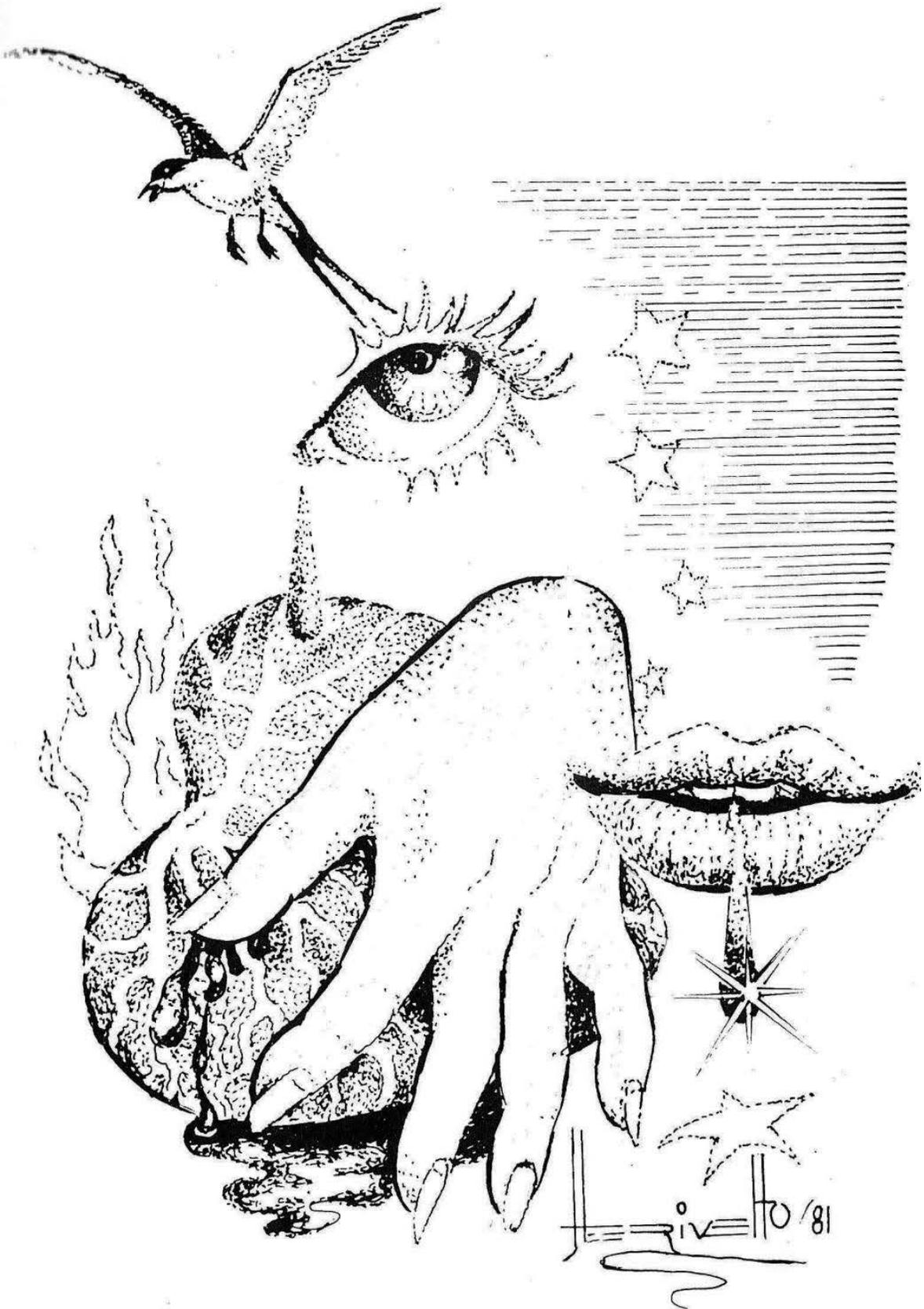
## RECORDAÇÕES

As lembranças vêm caindo  
pesadamente  
na noite insone do cérebro.

A lembrança da bem amada  
com o vento tocando harpa  
em seus cabelos  
o mar infinito  
o piano de bordo  
o cais principalmente o cais  
e as mulheres  
do cais  
vestidas de vermelho  
e os homens  
do cais  
vestidos de azul.

As caras  
ilaqueadas  
de rouge barato  
dos bares das docas  
que recendem a chouriço.

Também os mendigos da minha rua  
e as prostitutas de todas as ruas  
e eu na sarjeta desesperado  
ouvindo as sirenes de Deus.



## POEMA COM DESTINO À NORUEGA

Eu ando  
com a cabeça baixa  
e dolorida  
tateando na sombra  
dos guindastes  
o corpo flácido  
das mulheres das docas  
dentro das noites do cais.

Por que passam  
por mim  
tantos marinheiros  
navios  
ondas balouçantes?

Se eu pudesse  
descansaria a cabeça dolorida  
num saco  
num fardo  
numa caixa  
depois escreveria um poema simples  
e montava-o na onda  
com destino à Noruega.

E a moça loira  
que o lesse  
ao sol da meia-noite  
não saberia nunca  
que sou negro  
fumo liamba  
e tenho as mãos  
revoltadas e calosas.

## MENSAGEM

O mar está ficando  
cada vez mais distante.

Já quase não divulgo  
o cais enevoadado  
que o mar vai levando  
e o navio desapareceu  
em direção ao outro lado  
do hemisfério  
deixando meus olhos inertes  
sem lágrimas  
dentro da paisagem  
estacionária do espelho.

Só tu ficaste segurando  
minha pobre cabeça alcoolada  
as minhas mãos de cardo  
neste instante  
de descanso necessário.

Logo mais  
surgirá o dia estremunhado  
com apitos de fábricas  
e operários na calçada.

Voltarei a me encontrar  
com o mundo.

Quando terminar  
este descanso Amada  
será chegada a hora bíblica  
de enviar  
por um verso em demanda  
uma mensagem de encorajamento  
ao povo nascente  
que habita a terra em formação  
na latitude zero.

## O POETA ADOTA OUTRO CAIS

Há uma canção permanente  
em meus ouvidos.  
São as ondas batendo  
nas pedras do cais  
do meu velho cais natal  
que abandonei.

Não é saudade não  
meu cais antigo.  
É esse desejo de fuga  
essa inconstância itinerante  
de marinheiro  
de onda de verso.

Por isso vim agora  
cais natal.  
Não é ingratidão não.  
É esse desejo de paisagem  
de rever outros portos.  
Não bem rever  
assistir ao parto de outro cais  
um cais mais novo  
mais humano  
mais pesado  
carregado de idealismo  
de metais  
com apitos de locomotivas egressas  
do ventre da montanha: um navio  
imenso fecundando as entranhas

de outros navios menores  
na cópula pesada do minério.

Não mais os bares das docas

– agora o barracão.

Não mais os marinheiros bêbedos

– agora o operário suarento.

Não mais o ranger obsoleto dos guindastes

– agora a sinfonia das modernas britadoras.

Não mais o velho cais natal

que abandonei.

## LEMBRANDO - ME

Penso no menino solitário  
com medo da noite  
no silêncio escorrendo  
das palavras paráliticas.

Penso no homem solitário  
com medo do mundo  
das aflições afluando  
nos gestos de maldade.

Bem sei: no menino e no homem  
estão a necessidade de ternura  
a busca/ânsia  
a inquietação diante  
de um Deus desconhecido.

Também nas dobras da inocência  
ou no escuro dos pesadelos singulares  
escuto seus passos cotidianos.

Identifico lágrimas diárias  
na rua desprovida de mar  
no cais retornando  
no espelho matinal  
nos corpos frequentados.

Neste amar crescendo  
vindo azul interior  
descubro desassombrado  
uma saudade  
Aí apago na parede  
em trânsito  
o retrato em preto e branco  
do menino.



FERIVELLO  
/81

## IRONIA DOS DEUSES

Eu ergui tanto  
os braços nus  
pedindo uma manhã  
que meus dedos inchados  
tocaram as estrelas encobertas  
pelas nuvens negras  
da minha noite horrível.

Eu gritei tanto  
pedindo uma aurora  
que golfadas de sangue  
escorreram  
de minha boca disforme  
e empastaram o pó.

Aí então os deuses  
deram-me rindo  
uma manhã irmãos  
uma manhã fria  
e sem luz  
uma manhã de chumbo.

## POEMA PARA CRIAR CONFIANÇA

Não temas o sofrimento  
de agora.  
Aceita sem queixas  
as lágrimas que te dou  
e a oferenda de angústias  
aos pés do teu amar lustral.

Como o sol se oculta  
por trás da noite  
pela alegria de reeditar auroras  
a felicidade se oculta por trás da dor  
pela alegria do depois inevitável.

Confia em meu poema.  
Sou o que reservou  
para o teu sonho  
a música do mar  
e o silêncio da rosa  
quando estavam fechados  
todos os caminhos.

Nada temas.  
Eu tenho as mãos sortidas  
de carinho.  
O coração úmido  
de ternura  
desde que Deus inaugurou  
a tua presença.

Eu sou Alcy Araújo  
poeta do cais  
proprietário de canções e esperanças  
quando são mais nítidas  
as horas de sofrer.

Confia em meu poema.  
Ele preservará tuas lágrimas  
e abrigará límpido  
a luminosidade do teu corpo.

## NOTURNO AMARGO

Cavalgo dentro da noite  
monstros insones  
que escoiceam ponteiros de relógios.

Eles (os relógios) param abismados  
olhando meus gestos  
meu horror.

Arranco estrelas do chão.  
Atiro gargalhadas ao espelho  
espantando pássaros de luz  
nascentes dos teus olhos.

Um trem de ferro  
vindo de repente  
atropela meu pesadelo  
reduzindo a escombros  
o meu cigarro.

Morro. Minhas mãos amputadas  
boiam na lama de mim mesmo.

Até que um sol  
de sangue  
vem espiar o meu quarto  
(ou meu cadáver?)

Então é muito tarde para sonhar.

## SÚPLICA DIANTE DO MISTÉRIO ESTELAR

Meu Deus  
a dor nos olhos do meu Anjo  
cria angústias no menino só  
que não cresceu nas latitudes  
do homem sofrido e marinheiro.

E o homem sofrido e marinheiro  
chora silêncios invisíveis  
brisando pela janela aberta  
se perdendo nos verdes das esperas  
batendo de encontro ao cais  
como ondas inúteis e doídas.

E o menino só  
tem o olhar boquiaberto de espanto  
diante do mistério estelar  
do Anjo enfermo.

Senhor  
que será do menino só  
e do homem sofrido?  
Quem pegará pela mão  
a criança e oferecerá  
ternura ao homem  
neste momento de funda solidão?

Nem uma estrela  
orienta o marinheiro  
nem um sonho  
consola o menino.

Senhor  
apagai esta distância.  
Deus  
amai como eu  
meu Anjo enfermo.

## MORRENDO DE MAR

Não sei como voltar.  
Faz tempo não encontro  
a rosa de maio.

Tenho chorado demais.  
No cais onde nasci  
nas asas do Anjo  
em meu cipreste.

As lágrimas  
abrem sulcos  
na minha gravata  
azul.

Os desencantos  
impedem meu retorno.

Cadê a menina de tranças  
que me ensinou o gesto de ternura?  
O poeta era adolescente  
tinha o olhar alumbrado para o mar.

A menina já não é menina.  
O tempo apagou o encanto.  
Não possuo nenhum abismo  
para ocultar minhas desesperanças.  
Quem me dá notícia  
da nitidez das horas já vividas?  
Pergunto ao meu relógio  
morrendo de mar.

## POETA VENDENDO O RIO

Pela janela  
olho o rio.  
Rio largo barrento  
indo para o mar.  
Rio de todo dia  
em minha paisagem exterior.  
Só que hoje  
a ilha defronte quase não aparece.

Não é verde.  
Tem cor azulada.  
Talvez cinzenta  
para os meus olhos míopes.  
Eis a única diferença  
no meu cotidiano.

Mais tarde  
chegará a noite.  
A paisagem ficará  
mais escura.  
Não tenho outro  
quadro Amada.

Daí este cansaço.

Na tarde agora  
a moça da folhinha sorri  
pra mim ao lado do organograma.  
Um espelho reflete meus gestos inúteis.

Debruço meu esgotamento  
e espero o nascimento  
do verso proletário.

Só então compreendo  
as razões vazias  
do meu retorno repetido.

## REVERSANDO

Há uma noite profunda  
no mundo magro de estrelas  
povoando fantasmas nos pesadelos de Deus.

Há também certo rumor  
que vai crescendo chocando-se  
na pedra onde florescem dores  
e medram desesperos.

São essas angústias no cais  
no espelho  
nas alegrias distantes.  
Nos olhos de minha mãe.  
Na minha alma naufragando  
a cada amor.  
Nos barcos partindo  
no pranto das crianças  
deixadas de nascer.

Essas angústias  
apertando o poeta  
e o verso do poeta.  
O poeta doído semeando mágoas  
pelo universo nosso de cada dia.

Meu Deus  
olha essas dores por aí.  
Sensibilidade de Deus  
olha o poeta sofrendo a noite  
de todas as noites  
quando são perdidas todas esperanças  
e o poema é apenas um modo de sofrer.

## CANTO FIM

Há milênios  
estavas em minha autogeografia  
demarcando fronteiras geométricas  
impedindo a passagem do azul.

Todavia  
quando chegaste  
eras saudade  
e amores grisalhos  
falavam de ausências.

No cais inconsútil  
eu não chorava.  
Apenas aguardava  
esperanças suicidas  
que o mar devolve  
a cada esquecimento.

Não estava só.  
Eu era multidão  
de equívocos numerados  
e tu não percebeste  
um anjo órfão  
portando bússolas afogadas  
estendendo os braços  
para o mar.

Na ânsia  
de salvar o sonho  
ainda acenei  
com o meu amar morrendo  
mas a noite  
apagou o gesto de sofrer.

## POEMA DO HOMEM LIVRE

Nasci livre  
esta manhã.  
Livre de pulseiras  
livre de helicópteros  
livre de cataventos.

Passeio liberto  
minhas alegrias  
não estou preso aos jatos  
não estou preso à meteorologia  
não estou preso ao teu corpo.

Nada me acorrenta o riso  
a saudade dos mortos  
as lembranças da infância  
as recordações do ontem apagado.

Solto  
caminho o meu pensar  
transponho poetas espaciais  
cavalgo corcéis carnívoros  
cambalhoto em picadeiros siderais.

Ando nu – cabelos ao vento.  
Ando só – mãos às estrelas.  
Ando um – arpeado ao mar.

Hoje não há elefantes verdes.  
Hoje não pirâmides cubistas.  
Hoje não há saxofones imaturos.

Posso derramar uísques.  
Posso esbofetear tabernas.  
Posso cantar ópera.  
Posso quebrar meu cachimbo.

Não tenho nenhuma angústia  
violão  
colarinho  
hora  
parede.

Sou livre  
inaugural  
independente  
uno  
na estreia absoluta  
de mim mesmo.

### 3º INSTANTE DENTRO DO TÉDIO

Uma rosa  
esta hora orvalhada  
está desabrochando  
num jardim qualquer  
para sorridente esperar  
amanhã o sol  
sem que passe  
pelo seu pensamento nascente  
que eu estou cansado  
que eu estou sofrendo.

Amanhã a rosa  
colhida por uma jovem  
estará murcha  
e o meu tédio  
e a minha tristeza  
muito maiores.

(Melhor, compreenderei assim os suicidas)

Farei  
mesmo exausto  
o poema doloroso de todas as angústias.  
Pedirei para ouvir Beethoven.  
O anjo loiro muito loiro muito belo  
virá com sua harpa e Debussy.  
Charlie Chaplin perguntará por mim  
a todos os vagabundos universais.  
Estará completo o ciclo.

O melhor amigo umedecerá  
meus lábios ressequidos  
com um copo de cerveja.  
Minha mãe porá a sua mão  
na minha frente.

Mas não sei  
o que fará a bem amada.

## CANTIGA DE CHAMAR A AMADA

Vem Amada.  
Inútil não fazeres agora  
que o tempo não conta  
para o meu amar  
feito de esperas renovadas.

Poderias ter vindo  
antes da invenção da lágrima  
quando a inocência  
tinha os olhos abertos de espanto  
e eu era um simples pescador  
diante do mar  
do grande mar absoluto.

Ou depois.  
Na hora nítida e audível  
em que sepultaram em ti  
o corpo da virtude  
e o meu amar  
há milênios concluso  
olhava distraído  
o cais natal.

Vem Amada.  
Repete o verso em demanda.  
Amanhã será mais triste.

Desilusões amargarão o amor  
haverá flores machucadas nos caminhos  
eu já não serei o mesmo amante  
nem aquele acendedor de esperanças  
na imensa noite do teu sonho.

Vem Amada.  
Inútil não fazeres agora  
quando a alma  
é uma canção que morre.

## BÊNÇÃO

Que te abençoe o sol  
nos dias luminosos de verão  
e as estrelas  
nas noites claras de setembro

Que te abençoe o mar  
o grande mar  
e as areias brancas  
que receberam a marca dos teus pés  
naquela manhã esquecida na infância

Que te abençoe a lágrima  
chorada certa tarde  
quando eu não estava  
e te abençoe o verde  
que inaugurou a tua esperança

Que te abençoe o azul do céu  
e o branco da inocência  
Que te abençoe a sombra  
que acolheu o peregrino  
e a água que matou a sede  
do empoeirado viandante

Que te abençoe a rosa  
e te abençoe o pássaro liberto  
Não te falte nunca a larga bênção  
da árvore à margem do caminho  
nem a bênção que vem dos sinos  
quando a tarde cai acendendo mistérios

Que te abençoe o Anjo  
que guarda a tua ternura  
e não te falte jamais  
a bênção do amor

Que te abençoe o sofrimento  
e a cor branca do luar  
também a música e o vento  
que acaricia os teus cabelos

Que te abençoe o perdão  
que te negaram  
e te abençoe a paz  
a imensa paz da oração

Que te abençoe a fé  
perdida nos caminhos  
e a fé que ainda permanece  
no coração dos que amam

Que te abençoe a dor  
dos que sofrem sem perder a esperança  
e as angústias dos injustiçados

Que te abençoe a ternura  
e um rio de lágrimas  
que me pertenceram lave as tuas aflições

Que te abençoe o sal da terra  
e a terra que germina a semente  
do carvalho  
para os que necessitam de sombra  
e o grão de trigo para os que têm fome

Que te abençoe a alegria da aurora  
e a tristeza translúcida da tarde  
e te abençoe o silêncio  
e o riso claro das crianças felizes

Que te abençoe finalmente a infinita  
bondade de Deus  
que te criou à imagem e semelhança  
do meu sonho de poeta.

## FIDELIDADE DA ALMA INICIAL

Do Gênese  
a alma preliminar.  
Depois vieram outras  
outras  
muitas outras almas  
sobressalentes.

Um as alegres  
outras tristes  
até mesmo fatais  
almas de almas fantasmais.

E ficaram no meu corpo  
até o fim da formação.

Depois abandonaram a argila  
do poeta atual  
se dispersando por diferentes universos  
para as hélices umas  
outras para o cais  
para o deserto e os prostíbulos  
em multidão  
e para o céu outras mais  
no êxodo de mim mesmo.

Só ficou a alma inicial  
(alma preliminar de experiência).  
Nunca mais se encontraram  
as minhas almas emigradas.

## P O E M A

Gestos de mãos-violinos  
saindo das ondas da tarde.

O adeus das crianças adultas  
suicidando-se em massa.  
O último pombo branco  
fugindo do pensamento pacífico.  
O coração fruto boiando no lago  
cheio de lama da última noite.

Gestos de mãos-violinos  
morrendo nas ondas da tarde.  
Já não há música  
nem poetas  
nem cor branca  
nem Debussy  
nem a moça de tranças  
para enxugar as lágrimas de Deus

Nas ondas da tarde  
sumiram os gestos.



## CANTO À FORMA INCONCLUSA

Acabo de criar-te.  
Forma vaga e inconclusa  
no ventre da memória.  
Não tens sexo. Nem nome.  
Nem idade. Mas existes.  
És presente e impalpável  
e possuirás um destino.  
Amargo talvez  
porque nasceste neste século.

Não encontrei ainda um destino  
para te oferecer.  
Tudo é muito confuso  
e falho de conclusão.  
É uma pena que seja assim.

Frederico tem um destino humano.  
Não tens nome. Nem sexo.  
Nem idade. Nem sequer destino.  
Terás tudo isto porém.  
Sou eu quem te assegura.  
E não permitirei nunca  
que te chamem de herói.  
Não consentirei jamais  
que te digam mártir.

Poderás ser santo ou poeta  
sem necessidade disso.

Tenho perguntado à tua mãe  
o que faremos de ti.  
Mas ela te ama demais  
para compreender  
a objetividade de pergunta tão vaga.

Poderia deixar-te escolher  
e criar o teu Destino.  
Todos ficariam contra mim  
: educadores sacerdotes a família  
porque tu és a Minha Obra  
e eu um simples funcionário público  
da educação da família e da religião.  
Não tenho sobre ti o direito  
de te deixar livre.

Por isso hei de conduzir-te  
– fêmea ou varão –  
para as misérias  
e grandezas humanas.  
Rastejarás a planície  
ou subirás os Tumucumaques.

De qualquer forma porém  
serás um iluminado.  
Nada manchará teu nome  
nem acorrentará teus pulsos.

Na nebulosa do sonho  
começo agora a construção  
do teu Destino.

## CANTO AO RETORNO INÚTIL

Quando houver o retorno imprevisível  
o tempo enxugar mágoas antigas  
o amor terá partido  
como agora.

Perguntarei em vão ao relógio  
pela nitidez das horas vividas.  
Perguntarei ao meu anjo  
à minha dor ao meu cipreste  
por tua alma ausente  
quando meus dedos  
tocarem tua face desmemoriada.

Um copo anunciará  
porres absolutos.  
Uma imensa dor  
acordará esquecimentos.

Dentro da noite sem sexo  
angústias contarão pontas de cigarros.  
Desfilarão imagens fotográficas  
de pecados infinitamente singulares.

O fio de uma lágrima madura  
apertará soluços represados  
na volta ao encontro da saudade.

Nunca mais o louco vegetalizado  
afastará da terra suas raízes.

Tarde demais  
porque o amor  
terá morrido  
como agora.

Uma canção  
recordará cópulas estéreis.  
Risos bêbedos fixarão  
lembranças de infâncias inexistentes.  
Alegrias doídas sepultarão o amor.

Chegará a hora lúcida  
e diária que impede  
estacionamentos interiores.

Haverá ainda um telefonema  
nervoso ou uma carta sem destinatário  
estabelecendo contatos assexuados.

Será tarde. Terei partido  
deixando todos os utensílios  
hereditários.

E o louco  
mudo e deserto  
ficará com o seu relógio  
pendulando inutilmente  
as lágrimas  
que me pertenceram.

## ONDE O MEU DOIDO?

Onde o meu louco  
que nunca mais?  
Há tanto tempo ausente  
como quem desencontrou  
o caminho do retorno.

Onde o doido  
que habita em mim  
e perdeu tanto?  
Mãe e madrastra  
amigo e amada  
pai e irmão  
escola e calçada  
papagaio e pião.

Já não faz mais seresta  
não briga nas festas  
não reza canções  
não canta poemas  
não tem namorada  
não joga porrinha  
não perdeu a razão.

Onde o meu louco  
que não se importa  
que não porta nada?

Não porta aviões  
não porta malas

não porta bandeira  
nãõ porta bagagem  
nãõ porta cartas  
nãõ porta estandarte  
nãõ porta cigarros  
nãõ porta chaves  
nãõ porta retratos  
nãõ porta seios  
nãõ porta luvas  
nãõ porta joias  
nãõ porta saudades.

Um doido sem bicicleta  
sem cais bonito  
sem anjo  
sem mar  
sem cavaquinho  
sem passarinho  
sozinho  
órfão  
cargueado de infâncias  
inchado de lucidez  
e de louro luar  
nas ruas do seu mundo.

Onde o meu louco?  
Há quanto tempo  
que nunca mais.

## REENCONTRO

Sabia que caminhava em direção ao passado.  
Uma angústia sem nome amassava o coração  
do homem que pisava lembranças  
doendo como espinhos.

Do fundo  
bem do fundo da memória  
uma esperança imprecisa empurrava  
o homem entre veículos buzinas luzes  
e caminhantes mais felizes.

Ajeitou a gravata. Passou de leve a mão pelos  
cabelos que anunciavam começo de calvície.  
E as lembranças doendo  
angustiado o agora  
asfixiando o presente.

Consultou o endereço e o relógio.  
Acendeu sem sentir o cigarro fino.  
Tocou o laço da gravata e o lenço do bolso.  
Abotoou e desabotoou o paletó bem talhado.  
A certeza de que não mudara muito  
de que evoluíra em vários sentidos  
ajudava a esperança no empurrão  
ao encontro do elevador.

No elevador repetiu os gestos. Menos o do cigarro  
jogado fora à segunda tragada.  
No corredor tocou a campainha  
afivelou no rosto vago sorriso.

Olhos intensamente admirados  
numa face judiada pela vida  
receberam sua presença.  
A mesma boca estava ali  
surpreendentemente a mesma  
apesar do tempo.  
Não havia mudado.

O diálogo sim mudou.  
Perguntas comuns. Você  
como foi que me encontrou?  
Não sou mais aquela.

Queixas.  
Esforço para manter o interesse. Agora inexistente.  
E um sofrimento magoando as palavras.  
O desfile dos fatos. Brigas  
ciúmes dificuldades. Imensa  
insipidez que dava vontade de gritar.  
Noite assexuada. Cheia de desespero imóvel.  
Desejo de partir manietado por um cavalheirismo sem razão  
por um desejo inconsequente de que o passado que fora  
encontrar voltasse o tempo necessário  
para acabar com aquilo.

Finalmente  
a hora da despedida.  
Sensação de cadáveres se ausentando.  
As lembranças ainda roíam quando o homem  
encontrou-se com o cotidiano.  
Amargo enorme saiu do coração  
empestando o primeiro cigarro da matina.  
Vontade de chorar arrependimentos.  
Para onde ir?

Ao terceiro conhaque ele  
re encontrou o presente.  
Voltou para a segurança tranquila  
da sua atualidade feliz  
limpa de vínculos  
e de saudades.

## LIRISMO

Não  
eu não te darei  
um malmequer.  
Eu te darei  
uma rosa de todo o ano  
e uma estrela  
e uma lua branca  
muito branca  
um lírio  
– porque os polichinelos  
ficaram inanimados  
no bazar.

Depois  
farei o poema do nosso  
primeiro beijo.  
Recostarás a cabeça  
no meu peito  
e dedos compridos  
acariciarão os teus cabelos.

Deus saberá então  
que estamos nos amando  
pois haverá luz  
e um grande silêncio  
no pensamento das coisas.

## INSÔNIA

Não tenho nenhuma lâmpada  
e há muito a aurora é saudade.  
Ainda nem adormeci a alcova  
e o meu tédio chove silêncios.

Mais: só tenho este cigarro  
para ninar meu sono  
enquanto o relógio cria imensos monstros  
de insônia  
e da janela acordada  
adentram lembranças esquecidas.

Visto o meu disfarce de Deus  
me oculto atrás do armário  
me escondo do mar interior  
e a noite não passa nunca.

Nenhuma lâmpada  
para acender o poema.



## O PEQUENO JARDIM DO POETA POBRE

Meu jardim é um jardim de poeta pobre.  
É um jardim pobre.

Tem apenas uma roseira solitária  
e um pouco de verde onde  
descanso a vista ousada e míope.

As rosas  
às vezes  
me comovem e acendem lágrimas  
em meus olhos. Mormente  
quando recordo momentos vívidos  
da infância perdida ou nunca existente.

Também a juventude sofrida  
marcada pela vida  
abriu feridas  
criou impedimentos  
que jamais também foram transpostos.

As rosas  
quase sempre trazem recordações  
fazendo doer sofrimentos passados  
e a roseira é um espelho da minha solidão.  
Talvez por isso fico horas e horas  
olhando o jardim  
até que o verde enxugue minhas dores.

Certas ocasiões converso  
com o meu jardim modesto e feio  
mas incrivelmente meu  
como minhas têm sido  
as mágoas que plantei.

Quando há luar  
as sombras do meu jardim  
tornam-se mais sombras  
ficam mais nítidas  
e desenham pelo chão  
arabescos – mensagem indecifrável  
das minhas desesperanças coletivas.

Quando é dia  
o meu jardim de poeta pobre  
fica nu.  
Nuinho de carinho.  
Não merece um olhar de quem passa.  
Não acorda nenhuma atenção.  
Mas eu sei que ele tem vida  
está ali à espera de mim  
para receber meu silêncio.

Somos tristes. Temos sentimentos comuns.  
Guardamos segredos só nossos.  
Muitas vezes ficamos imóveis  
olhando a rua  
os carros os casais os homens solitários  
povoando de buzinas e de passos  
de palavras e de ruídos o espaço adjacente.

Certa manhã minha ternura estava débil.  
Então a roseira me ofertou uma rosa vermelha.  
Acolhida com emoção de amante  
depositei-a nas mãos  
daquela que haveria de vir.

Meu jardim também serve  
para penitências.  
Debruço sobre ele os meus singularíssimos pecados  
e transponho perdoado  
o verde e a roseira.

Encontro sempre Deus no meu jardim à noite  
principalmente se há luar.  
Talvez para nutrir a lição de humildade  
que ele e eu oferecemos  
inutilmente aos homens.  
Talvez para acender melhor  
o claro amor  
que exibimos aos olhos indiferentes  
dos que passam sem perceber o pequeno jardim  
vivendo no mundo.

E que eu sou terno  
bom  
e sei rezar um verso.

## VERDE PRETÉRITO

O sapo era verde  
no lago verde.

O lodo era verde  
no mar tão verde.

Eu era verde  
ao poema verde.

A amada era verde  
de olhos verdes.

O amor era verde  
nos anos verdes.

A fonte era verde  
a esperança era verde  
e logo secou.

O sinal era verde  
o carro era verde  
a infância era verde  
e se apagou.

## NATAL E PARTIDA DO POETA CASTO

Que importam as minhas  
atribuladas existências anteriores  
se eu hoje nasci bom  
amoroso e casto.

Poderei tocar os seios brancos  
das minhas amantes do século XIII  
que lírios nascerão  
nos seus túmulos de mármore.

Possuirei o corpo  
da minha namorada atual  
no cadilque século XX  
comprado na Agência Ford  
e Deus  
o guarda  
e D. Clotilde  
a solteirona  
nada terão a dizer  
porque hoje nasci bom  
amoroso e casto.

Depois um anjo dourado  
que nunca frequentou academias  
– primo-irmão do meu anjo da guarda –  
pegará a moça pela mão  
e levará seu corpo puro  
para o noivo desprezado.

Haverá muito doce  
risos  
aceite minhas felicitações  
mas eu terei partido  
em busca da amada  
que vai nascer  
devolvendo em anexo  
toda a correspondência.

## POEMA VERMELHOVERDE

Onde a palavra vermelhoverde  
daltônica que não criei  
no momento preciso?  
Onde os instantes em que o pulmão de lama  
do meu tio tipógrafo falava conseqüências?

Onde o Anjo nu que me amou  
sem perguntar meu nome  
e se anjos pastores burros e magos  
me adoraram?  
Onde a estátua de sal?

Onde a cruz sofrida talvez colhida no Líbano?  
O cedro amargo.  
A fruta do cedro é ou deve ser azeda.  
Os cântaros também cantam a certeza  
do vinho feito de uvas verdes.

Pergunto eu poluído e triste  
ao meu corpo e ao meu doido:  
- as uvas estão verdes?  
E as rosas são vermelhas?  
Isaura é preta ou escrava?  
E estas guimbas  
são coloridas ou têm esperança?

Afinal que poema é este de Natal?  
Não sou mais recordações.  
Sou uma luz ou uma tarde

uma noite ou o nada.  
Sou assim Anjo sem cais e judiado  
como quem tem tudo  
inclusive as palavras que ficaram perdidas  
náufragas do não ser.

É difícil estar no momento  
em que o poema é omissivo  
não reclama apenas pergunta:  
– Para onde vais pescador de pés descalços  
sem sandálias quando os caminhos diferem  
porque os rios afundaram as únicas perpétuas  
dos instantes?  
E as mãos calosas pesam como lingadas do cais  
onde o poema poderia ter ficado  
olhando os barcos pousados  
em ondas itinerantes.

O pensamento pergunta  
mais depressa do que as mãos:  
– Os cardos deixam espinhos  
que o verso não contou?

E para falar a verdade  
quando dezembro surgiu vermelhoverde  
era proibido desamar.

## ANOVESCO

Aceitarei isento milhões de luas.  
Não bem luas –  
que o plural acaba com a poesia – Satélite.  
Assim o telescópio perceberá melhor  
os anéis de Saturno.  
Ser satélite. Girar em torno de. Há  
necessidade de uma gramática celeste.  
Melhor ainda: geometria celestial. De asas.  
Asas circunferenciais eclipsodais  
tridimensionais vistavisionais.  
De fim de ano. Natalinas.  
Faltam tantos dias relativos para o começo  
de outro fim.

Sempre o começo.  
O início.  
O inaugural. O inaugural  
e a esperança de que após o fim  
o início recomece.

Há muitas casas no reino de meu Pai.  
A todos a melhor casa.  
Esperança de último.  
Esperança-anseio de ser o primeiro inquilino  
na interpretação simplista do Livro.

Enquanto isso  
falece a bondade.  
Não observar o aviso: É proibido

pisar na rosa.  
Superior mesmo é nascer  
pássaro e defecar  
na flor silvestre.

Também seria bom  
nascer borboleta  
: pousar nas flores  
com asas de arco-íris.  
Nunca porém nascer disco voador.  
Viajar milhões de mundos  
encontrar milhões de humanidades.  
Uma é suficiente.

É necessário outrossim  
reler Júlio Verne  
Viajar deitado. Sem sair de casa.  
Acordado à espera de Papai Noel  
de barbas brancas  
saco de nylon  
brinquedos de matéria plástica.

Depois esperar  
o Dia da Fraternidade Universal.  
Mais os três reis magos. Principalmente  
Baltazar o que nasceu no Harlem  
há mil novecentos e oitenta e dois anos  
um mês e dezoito dias.

Viva o Ano Novo  
que só começa  
quando nasce uma criança.

## CHOVENDO NA TARDE

Chove  
chuva indecisa  
caindo do céu cinzento  
neste dia de setembro  
é de tarde  
e estou triste.

Minhas mãos gotejam ternura  
formando riozinhos viajando  
canções para tua espera.

Chove  
sobre a cidade de São José de Macapá  
onde inaugurei tantos desencantos  
fraturei tantas esperanças.

Lavada  
gotejante minha roseira  
espiou pela janela: deu  
de cara comigo.

Sem espanto  
retiro-me e mergulho  
na ausência dos teus olhos  
molhados de perdão.

## CANÇÃO DO AMOR MILENAR

Não reconheces em mim  
o que estive antes  
da invenção da lágrima.

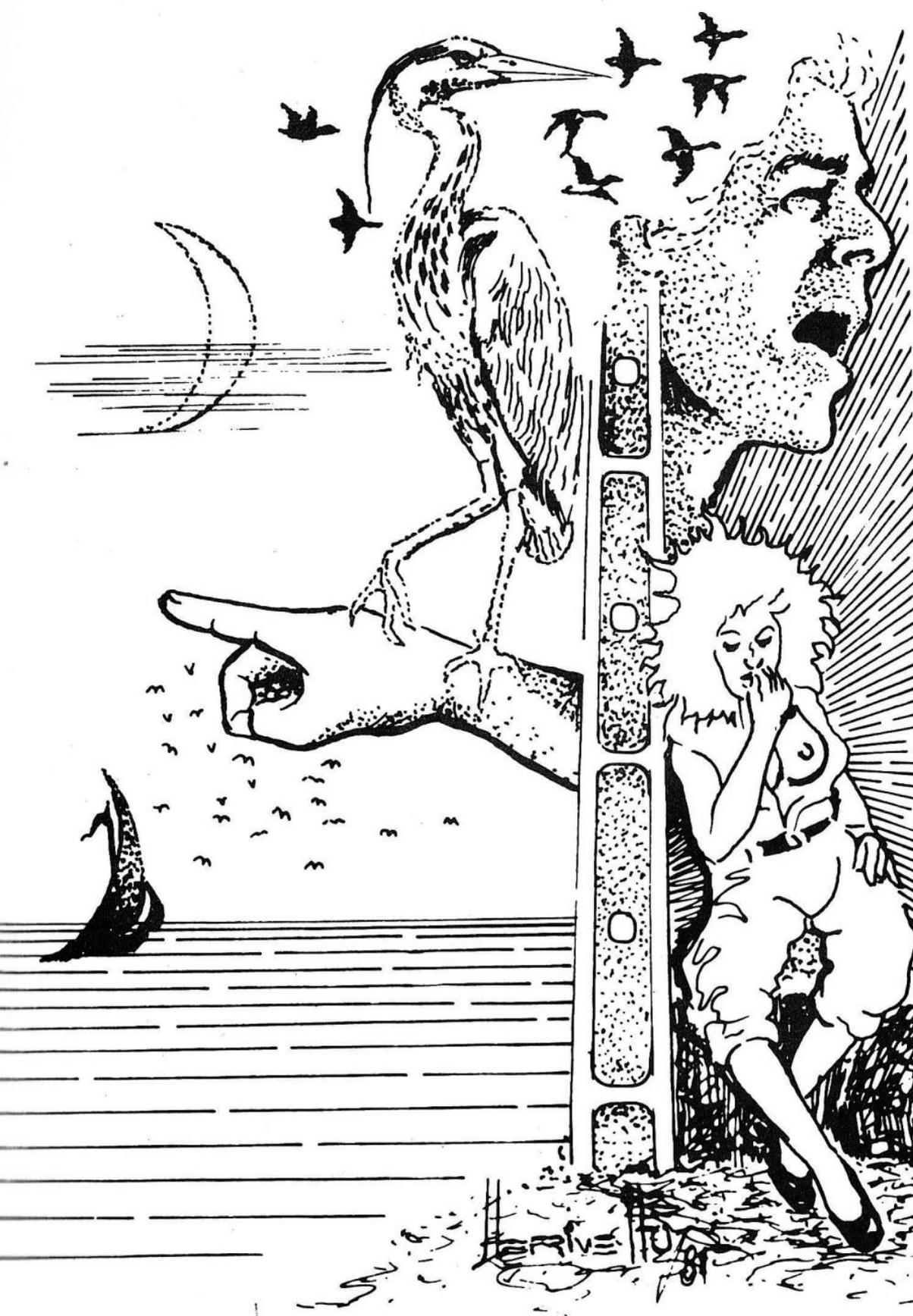
Venho de existências anteriores  
acompanhando teu sonhar perdido.

Teu passado  
teus segredos me pertencem.  
Nem presentes que sou o que sabe  
nem que estive em ti antes  
da invenção da lágrima.

Fui guerreiro romano  
e te encontrei em Cartago.  
Fui marinheiro  
e tu estavas nas docas de Hamburgo.  
Fui prisioneiro berbere  
e tu mataste minha sede.

Em Bagdá eu te comprei  
numa feira de escravos.  
Na colina fora da cidade de Jerusalém  
assistimos juntos a crucificação do Homem Bom.

Acompanho há milênios  
tuas vivências relativas  
e nunca adivinhas que eu sou  
o que volta contemporâneo  
e repetido para te pertencer.



## CHEGANDO

Chego tarde  
cansado para o teu amor.  
Venho da longa caminhada cotidiana  
pisando o mesmo caminho suarento  
vivendo as mesmas vivências relativas.

Aguardas insone  
o meu carinho estropiado  
pelas mágoas  
incompreensões e lutas íntimas.

Percebes que morro a cada passo  
e que só meu sonhar não cansa?

Necessário obter do teu amar  
nas frias madrugadas dos regressos  
meu desencanto nítido lacrimado.

Necessário teu seio adormeça  
angústias desesperanças  
e ausências que trago  
nas viagens de retorno.

Necessário ainda  
o gesto de ternura enxugando  
a alma do silêncio  
lídima dor de não ser trigo  
quando bocas clamam pelo pão.

## HISTORINHA PRA VOCÊ DORMIR

O homem saiu do pensamento  
parando na calçada.  
Durante longo instante assistiu à passagem  
dos discos voadores.  
Depois atravessou a rua molhada de lágrimas  
distradamente seguido pelo seu anjo da guarda  
que alçou voo no exato momento em que  
um hidramático azul avançou o sinal.  
No bar o homem entrou na história.  
Desde o princípio até as guerras púnicas.  
No ar pairava (de leve) uma nuvem  
imperceptível de estrôncio 90.  
O homem contemplou as lembranças guardadas  
no estojo de acrílico.  
Em torno da mesa  
da nuvem de estrôncio  
das mãos boquiabertas  
e amarelecidas de náusea  
– surgiu o Tratado de Versalhes.  
Um mendigo itinerante atirou para o céu  
rica blasfêmia que se misturou à música  
da vitrola automática invisível e deu  
de encontro na antena de TV.  
Longe uma pedra floresceu na Rosa de Jericó.  
(Mensagens de paz colidiam no espaço com as ameaças  
de guerra que pesam sobre o mundo).  
O homem levantou-se aterrorizado.  
Correu desesperado pelas ruas  
atropelando viúvas

cadáveres  
anjos mutilados.  
Sobre ele iam os comunistas os fascistas os imperialistas  
do ocidente e do oriente  
os democratas  
os nacionalistas de todas as nações  
para agarrá-lo no primeiro obstáculo.  
Um fotógrafo atento  
colheu o flagrante também filmado  
em technicolor.  
A polícia apreendeu o filme  
em nome da tranquilidade universal.  
Que diriam os marcianos os selenitas?  
De 109 milhões de quilômetros uma lua  
fabricação da Willys Overland do Brasil  
com 95% do seu bojo nacionalizado  
contemplou em silêncio sideral a tragédia do homem.  
Ao dobrar a esquina  
nosso personagem caiu  
com todo seu peso  
numa cratera de Hiroshima  
escondendo-se dos helicópteros  
até o próximo conflito.

## CICLO

Não gosto de ferir.  
Sou terno.  
Trouxe comigo a ternura.  
Deus me fez assim.  
Desisto de ser  
de outra forma.

Sou o que não gosta  
de magoar  
de inaugurar aflições  
de interditar alegrias.

Mesmo assim  
crio mágoas  
mas o verso é livre.  
Ele traz minhas esperanças  
por um dia melhor  
em que haja compreensão humana  
e as lágrimas sejam de amor  
lavando dores.

Existe vontade imensa  
de plantar esperanças  
nesta infinita tarde do mundo  
mas eu tenho as mãos vazias.

## LEGENDA II AO MOMENTO QUE PASSA

Ser desta geração.  
Eu e a minha mocidade duvidosa  
de um quarto de século.  
Mocidade que envelheceu porque não pôde  
estacionar um minuto sequer  
dentro da época.

Já não se pode fazer poesia  
porque as praças de piquê no mundo  
tocarão reunir  
para defender ou atacar a liberdade  
simultaneamente.

Ó sensibilidade de Deus  
dai-nos um momento de sossego  
que é preciso fazer  
um verso simples  
pra namorada romântica.

## PARTICIPAÇÃO

Estou convosco.  
Participo dos vossos anseios coletivos.  
Vim unir meu grito de protesto  
ao suor dos que suaram  
nos campos e nas fábricas.

Aqui estou  
para juntar minha boca  
às vossas bocas no clamor pelo pão  
sancionar com este rumor que vai crescendo  
a petição de liberdade.

Estou convosco.  
Para unir meu sangue ao sangue  
dos que tombaram  
na luta contra a fome e a injustiça  
foram vilipendiados em sua glória  
de mártires  
de heróis.

Vim de longe  
percorrendo desesperos.  
Das docas agitadas de Hamburgo  
das plantações de banana da Guatemala  
dos seringais quentes do Haiti.

Vim do cais angustiado de Belém  
dos poços de petróleo do Kuwait  
das minas de salitre do Chile.

Passei fome nos arrozais da China  
nos canaviais de Cuba  
entre as vacas sagradas da Índia  
ouvindo música de jazz no Harlem.

Afundi nas geladas estepes russas.  
Morri ontem no Canal da Mancha  
e hoje no de Suez.  
Tombei nas margens do Reno  
e nas areias do Saara  
lutando pela vossa liberdade  
pelo vosso direito de dizer  
e de amar.

Estou convosco.  
Voluntariamente aumento o efetivo  
dos que não se conformam  
em viver de joelhos  
morrendo sufocando lágrimas  
nas frentes de batalha  
nas prisões  
para dar à criança recém-parida  
o riso negado aos vossos pais  
o pão que falta em vossas mesas.

Meu filho  
e o filho do meu filho  
saberão que o meu poema não se omitiu  
quando vossas vozes fenderam o silêncio  
e ecoaram inutilmente nos ouvidos de Deus.





# POSFÁCIO

## ALCY ARAÚJO CAVALCANTE – O POETA DO CAIS

*Alcinéa Cavalcante*

Alcy Araújo Cavalcante – o poeta do cais, dos anjos, das borboletas, do jardim clonal, dos marinheiros e de tudo que merece ser amado – nasceu no distrito de Peixe Boi (PA), no dia 7 de janeiro de 1924.

Criança ainda, se transferiu com a família para Belém, vivendo depois em pequenas cidades da região Norte, para onde seu pai, Nicolau Cavalcante, era destacado para implantar os serviços de Correios e Telégrafos.

De retorno a Belém, Alcy cursou a Escola Industrial, tornando-se mestre marceneiro e de outras especialidades relacionadas ao ofício, que exerceu por algum tempo.

“Canto a terra, a dor dos aflitos  
e a inútil esperança dos desesperançados.  
Também os negros, os índios e o verde  
e presto relevantes serviços topográficos  
demarcando itinerários de poesia.”

Alcy Araújo

No entanto, o talento literário, a vocação pelo jornalismo e um precoce desenvolvimento intelectual levaram Alcy a trocar a bancada da oficina pela escrivania do jornal, em 1941, com 17 anos de idade. Por mais de uma década trabalhou nos principais jornais do Pará como repórter, articulista, redator e chefe de reportagem, entre eles a *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *O Liberal*.

Veio para o Amapá na década de 1950 a convite do governador. Aqui exerceu importantes cargos, assessorou vários governadores, dirigiu jornais, lutou pela emancipação política e administrativa desta região, combateu a exploração dos recursos naturais, fez importantes trabalhos de pesquisa sobre rizicultura, erosão dos solos, pesca no litoral, entre outros.

Ele foi o primeiro jornalista amapaense a participar como delegado de um Congresso Nacional de Jornalistas. Isso aconteceu em setembro de 1957. Foi o VII Congresso, que marcou o cinquentenário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Contudo, acredito que a maior contribuição dele ao Amapá deve ser aferida pela sua imensa e constante participação na vida intelectual e artística – tanto através da imprensa como dos demais instrumentos e instâncias da cultura amapaense.

Amante das artes, foi ele que lutou, ao lado de R. Peixe, pela criação da Escola de Artes Cândido Portinari e do Teatro das Bacabeiras.

Fez parte da Academia Amapaense de Letras, ocupando a cadeira 25.

Na música, Alcy – tendo como parceiro Nonato Leal – venceu vários festivais, inclusive o I Festival Amapaense da Canção. No carnaval, compôs belíssimos sambas de enredo para a Embaixada Cidade de Macapá e Maracatu da Favela, recebendo, todas as vezes, a nota máxima dos jurados.

“Aqui estão as minhas mãos, falando palavras feitas de pássaros e de ausências e cantando canções sonhadas em segredo.” (Alcy Araújo)

Junto com Álvaro da Cunha, Ivo Torres, Arthur Nery Marinho e Aluizio da Cunha, movimentou o segmento cultural amapaense criando clubes de arte, promovendo noites literomusicais, apoiando artistas plásticos, músicos, poetas e escritores, fundando e dirigindo revistas

culturais, difundindo a cultura do Amapá por este Brasilão, entre mais tantas coisas que deixariam imenso este texto se fossem listadas aqui.

“Ele foi um dos mais macapaenses de todos os paraenses que ajudaram a desenvolver o Amapá”, escreveu certa vez o jornalista Hélio Penafort.

Foi editor, noticiarista, diretor, colunista, articulista e editorialista de vários jornais amapaenses. Jornalista emérito, arguto analista dos problemas socioeconômicos do Amapá, foi na poesia que Alcy Araújo universalizou mais profundamente seu talento. É um dos poucos poetas do Norte a figurar na *Grande Enciclopédia Brasileira Portuguesa*, editada em Lisboa. Está também nas enciclopédias *Brasil e Brasileiros de Hoje* e *Grande Enciclopédia da Amazônia* e em tantas outras obras como *Introdução à Literatura*, *Poesia do Grão Pará*, *Antologia Internacional Del Secchi*, *Coletânea Amapaense de Poesia e Crônica*, *Antologia Modernos Poetas do Amapá* e coletânea *Contistas do Meio do Mundo*.

Em 1965, pela Editora Rumo, foi lançado seu primeiro livro: *Autogeografia* (poemas e crônicas). Em 1983, comemorando os 40 anos de Alcy dedicados à poesia, a Editora do MEC lançou no Rio de Janeiro seu livro *Poemas do Homem do Cais* e, em 1997, foi lançado pela Associação Amapaense de Escritores o livro *Jardim Clonal*.

Em 2021 a Prefeitura de Macapá editou e lançou o seu livro *Ave Ternura* e reeditou o *Autogeografia*.

Numa noite de sábado, 22 de abril de 1989, Alcy Araújo partiu para o cais definitivo, levado pelas mãos do seu Anjo da Guarda. Partiu deixando inéditos, prontos para publicação, os livros *Histórias Tranquilas*, *Cartas pro Anjo*, *Mundo Partido*, *Terra Molhada*, *Tempo de Esperança*, *Poemas pro Anjo do Natal*, entre outros.

Alcy Araújo Cavalcante, meu pai, tinha a alma pura, de criança que acredita no Natal e na Esperança, e, assim, cheio de esperança colocou sua poesia a favor da luta por uma sociedade melhor, livre das desigualdades e das injustiças.

Participação  
Alcy Araújo

Estou convosco.  
Participo dos vossos anseios coletivos.  
Vim unir meu grito de protesto  
ao suor dos que suaram  
nos campos e nas fábricas.

Aqui estou  
para juntar minha boca  
às vossas bocas no clamor pelo pão  
sancionar com este rumor que vai crescendo  
a petição de liberdade.

Estou convosco.  
Para unir meu sangue ao sangue  
dos que tomaram  
na luta contra a fome e a injustiça  
foram vilipendiados em sua glória  
de mártires  
de heróis.

Vim de longe  
percorrendo desesperos.  
Das docas agitadas de Hamburgo  
das plantações de banana da Guatemala  
dos seringais quentes do Haiti.

Vim do cais angustiado de Belém  
dos poços de petróleo do Kuwait  
das minas de salitre do Chile.

Passei fome nos arrozais da China  
nos canaviais de Cuba  
entre as vacas sagradas da Índia  
ouvindo música de jazz no Harlem.

Afundi nas geladas estepes russas.  
Morri ontem no Canal da Mancha  
e hoje no de Suez.  
Tombei nas margens do Reno  
e nas areias do Saara  
lutando pela vossa liberdade  
pelo vosso direito de dizer  
e de amar.

Estou convosco.  
Voluntariamente aumento o efetivo  
dos que não se conformam  
em viver de joelhos  
morrendo sufocando lágrimas  
nas frentes de batalha  
nas prisões  
para dar à criança recém-parida  
o riso negado aos vossos pais  
o pão que falta em vossas mesas.

Meu filho  
e o filho do meu filho  
saberão que o meu poema não se omitiu  
quando vossas vozes fenderem o silêncio  
e ecoarem nos ouvidos de Deus.

Publicado originalmente em: Alcy Araujo, Memória, Poetas do Amapá.

*Macapá, 13 de outubro de 2023.*

Poemas do homem do cais, de Alcy Araújo, foi projetado e composto pelo Serviço de Formatação e Programação Visual do Senado Federal. A fonte é a Spectral, corpo 10,5, desenhada em 2017 pela Production Type, de Paris, inspirada no tipo Elzévir Nº 9, cunhado em 1882 pela Warnery Frères.

O livro foi impresso em papel Pólen Natural 80g/m<sup>2</sup> nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em maio de 2024, de acordo com o programa editorial do Conselho Editorial do Senado Federal.



“Alcy Araújo Cavalcante tinha a alma pura, de criança que acredita no Natal e na Esperança, e, assim, cheio de esperança colocou sua poesia a favor da luta por uma sociedade melhor, livre das desigualdades e das injustiças”.



BAIXE GRATUITAMENTE  
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: [livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)

SENADO FEDERAL

